



BUSCHINGER, Danielle. A qual gênero literário pertence o poema do poeta georgiano Chota Roustavéli, *Le Chevalier à la peau de tigre*. Trad. Christina Bielinski Ramalho e Juliana Ribeiro Carvalho. In: **Revista Épicas**, Ano 1, N. 1, Jun 2017, p. 79-88.

## A QUAL GÊNERO LITERÁRIO PERTENCE O POEMA DO POETA GEORGIANO CHOTA ROUSTAVÉLI, *LE CHEVALIER À LA PEAU DE TIGRE*<sup>1</sup>

TO WHICH LITERARY GENDER BELONGS THE POEM BY THE GEORGIAN POET CHOTA  
ROUSTAVÉLI, *LE CHEVALIER À LA PEAU DE TIGRE*

Danielle Buschinger<sup>2</sup> (Amiens)

**RESUMO:** A crítica está longe de ser unânime no que concerne ao gênero no qual se destaca *Le chevalier à la peau de tigre* de Chota Roustavéli. Frequentemente considerada como uma epopeia, esta obra é, para alguns, a epopeia georgiana por excelência: sua epopeia nacional. Contudo, outros críticos a qualificam como *Ritterromance*, romance

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma tradução autorizada do artigo original intitulado “À quel genre littéraire appartient le poème du poète géorgien Chota Roustavéli, *Le Chevalier à la peau de tigre*”, publicado nas atas da “Journée d’études du REARE (2015)”, *Le Recueil Ouvert* (on-line). Tradução realizada pela Profa. Dra. Christina Bielinski Ramalho (UFS) e por Juliana Ribeiro Carvalho, mestranda de Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Nele mantivemos todas as notas do texto original.

<sup>2</sup> Danielle Buschinger, professora emérita da Universidade de Picardie-Jules Verne, é autora de vários estudos sobre a literatura alemã da Idade Média (Tristan, romances do Graal, romance arthuriano, contos et novelas, Chanson des Nibelungen...) e sobre Richard Wagner. Ela traduziu diversas obras medievais alemãs e fez estudos comparativos entre a literatura medieval europeia e a epopeia africana. Entre suas publicações: em colaboração com Jean-Marc Pastré: **La Chanson des Nibelungen**. Paris: Gallimard, 2001; « Guillaume et Willehalm, les épopées françaises et l’oeuvre de Wolfram von Eschenbach »: atos do colóquio de 12 et 13 janvier 1985 (éd.), Göppingen, Kummerle, 1985; *Le Moyen âge de Richard Wagner*. In: Presses du Centro de Estudos Medievais, Universidade de Picardie-Jules Verne, (**Médiévaux**, numéro 27), 2003.

cavaleiresco, ou mesmo uma narrativa de amor cortês. O artigo objetiva reavaliar os argumentos a favor dessas classificações contraditórias. Após situar rapidamente a obra no contexto histórico da Geórgia, resumindo-o, analisamos inicialmente as características típicas da epopeia. A aproximação naturalmente operada pela crítica alemã com os textos épicos alemães, um pouco diferentes daqueles nos quais a crítica francesa pensa sobre o gênero, permite a abertura do debate de forma interessante. Apresentamos, em seguida, os argumentos a favor da percepção do poema como romance, cortês ou cavaleiresco, para concluir com as influências e as invariantes que se fazem presentes nele.

**Palavras-chave:** Chota Roustavéli; Epopeia; Gêneros literários; *Le Chevalier à la peau de tigre*.

**RÉSUMÉ:** La critique est loin d'être unanime concernant le genre dont relève *Le Chevalier à la peau de tigre* de Chota Roustavéli. Souvent considéré comme une épopée, il est même pour certains l'épopée géorgienne par excellence: son épopée nationale. Cependant, d'autres critiques le qualifient de Ritterroman, roman chevaleresque, voire de récit d'amour courtois. L'article se donne pour but de réévaluer les arguments en faveur de ces dénominations contradictoires. Après avoir rapidement situé l'œuvre dans l'histoire de la Géorgie et l'avoir résumée, on analysera d'abord les traits typiques de l'épopée. Le rapprochement naturellement opéré par la critique allemande avec des textes épiques allemands un peu différents de ceux auxquels pense la critique française sur le genre permet d'ouvrir le débat de façon intéressante. On présentera ensuite les arguments en faveur du poème comme roman, courtois ou chevaleresque, pour conclure sur les influences et les invariants qui s'y font jour.

**Mots-clés:** Chota Roustavéli; Épopée; Genres littéraires; *Le Chevalier à la peau de tigre*.

## Introdução

A Geórgia, que compreende a Cólquida, ou Geórgia do Oeste, o país do Velocino de ouro e a Ibéria, com uma parte do país, conhecida de Montesquieu e de Voltaire, converteu-se ao Cristianismo em 325 e contribuiu para a formação da civilização bizantina. Desde o século V, surgiram na Geórgia obras literárias religiosas e profanas. Entretanto, é sobretudo a partir dos séculos XI e XII que acontece uma renovação cultural decisiva. A Geórgia, liberada da dominação árabe, unida econômica e politicamente, assume então uma função veicular entre Leste e Oeste; é o que mostra em particular, e de maneira exemplar, a difusão, em direção ao Oeste, da versão cristianizada da lenda de Buda. Com efeito, essa é uma das versões georgianas da *Sagesse de Balavari* que, a partir do século XI, esteve na origem de todos escritos posteriores de *Barlaam* e *Josaphat* propagados pela Europa.

O poema de Chota Roustavéli, *Le chevalier à la peu de tigre*<sup>3</sup> (século XII/ início do século XIII), obra nascida em uma época em que a Geórgia se torna um reino com certa importância, que se unifica e se fortalece graças à dominação do poder central sobre os senhores feudais, é geralmente considerado na Geórgia como a mais proeminente e completa das epopeias compostas no século XII, sob o reino prestigioso da rainha Tamar (1184-1213), a qual exerceu um

---

<sup>3</sup> “O Cavaleiro da pele de tigre” ou “O cavaleiro da pele de pantera”. ROUSTAVÉLI, Chota. *Le Chevalier à la Peau de tigre*. Traduzido do georgiano com uma introdução e notas de Serge Tsouladzé. Paris: Gallimard-Unesco, 1964.

papel análogo ao de Éléonore de Aquitânia no Ocidente e para quem a obra foi expressamente dedicada. A rainha Tamar foi beatificada pela Igreja georgiana.

Esse brilhante período foi seguido de uma catástrofe, a sujeição da Geórgia pelos Mongóis, a destruição e os massacres perpetrados em cinco retomadas pelo Tamerlan e uma noite de trezentos anos. Somente nos séculos XVI e XVII que a situação outra vez se apaziguou. *Le chevalier à la peau de tigre* constitui-se mesmo como a epopeia georgiana por excelência, uma “segunda bíblia”. Steffi Chotiwari-Jünger, autor da introdução à reescritura de *Der Ritter im Tigerfell* de Marie Prittwitz, qualifica a obra de *Ritterroman*, romance cavalheiresco, “obra clássica da literatura georgiana”<sup>4</sup>; Farshid Delshad a denomina *georgisches Nationalepos*<sup>5</sup>, a epopeia nacional georgiana.

O que ela é realmente? Proponho-me esta questão a fim de saber a qual gênero literário esta obra, da qual os georgianos são bastante orgulhosos, pertence.

*Le chevalier à la peau de tigre* compreende 1671 estrofes escritas em versos de dezesseis sílabas com uma rima uniforme para cada verso. O tema do poema é uma lenda oriental, na qual um ciclo árabe se entrelaça com um ciclo hindu, ambos se emaranhando em outras narrativas e digressões. O primeiro manuscrito data do início do século XVII e a obra foi impressa em 1712. Uma questão, para a qual eu ainda não encontrei a resposta, se coloca: como uma obra com forma tão sofisticada pôde atravessar os séculos?

Eu não conheço o idioma georgiano e trabalho com a tradução francesa de Serge Tsouladzé (cujo título é: *Le chevalier à la peau de tigre*) e as traduções alemãs, que trazem assim como *Der Recke* (“o guerreiro”) como também *der Ritter*, (“o cavaleiro”), da pele de tigre ou de pantera. No título georgiano, o termo utilizado é apenas “portador”, “Tragender, Träger”<sup>6</sup>. Por consequência, torna-se necessário enfatizar que o estudo desse texto requer precaução.

---

<sup>4</sup> RUSTAWELI, Schota. **Der Ritter im Tigerfell. Ein altgeorgisches Epos.** Nachdichtung von Marie Prittwitz, Aachen: Shaker-Verlag, 2011, p.6.

<sup>5</sup> Farshid Delshad, *Georgica e Irano-semitica. Philologische Studien zu den iranischen und semitischen Elementen im georgischen Nationalepos Der Recke im Pantherfell.* Beiträge zur Vergleichend-Historischen Sprachwissenschaft. Baden-Baden: Deutscher Wissenschafts-Verlag, 2009.

<sup>6</sup> RUSTAWELI, Schota. **Der Ritter im Tigerfell**, trad. Cit,p.6.

## 1. O conteúdo

O rei da Arábia, Rostevan, que não tem filhos, deixa o seu reinado para a sua filha Thinathineem face do sol, o que é um detalhe relevante da realidade histórica. Com efeito, “Thinatine é associada ao trono de seu pai Rostévan, como o foi Tamar ao de Giorgi III, em 1178”<sup>7</sup>. Toda a Arábia assiste ao coroamento da rainha.

Uma partida de caça é organizada, no decorrer da qual o rei Rostévan e o guerreiro Avthandil notam um homem vestido com uma pele de tigre, o qual derrama lágrimas de sangue e parece dominado por um indizível sofrimento. Este personagem não responde ao chamado de Rostévan e Avthandil, ao contrário, ele monta em seu cavalo e desaparece. A busca deste personagem misterioso é o tema de toda a obra. Os mensageiros que o rei Rostévan envia à sua procura retornam sem tê-lo encontrado. Thinathine e Avthandil declaram-se em amor, e a rainha pede ao seu bem-amado para, como prova de amor, partir em busca do misterioso personagem. Ele vagueia pelo mundo durante três anos até que, finalmente, encontra três guerreiros a quem um cavaleiro acabara de ferir. Era o desconhecido que ele procurava. Avthandil o segue de longe até o seu esconderijo, onde ele encontra uma serva vestida de preto, Asmath, que lhe faz conhecer o homem da pele de tigre, chamado Tariel. Os dois guerreiros tornam-se amigos. Tariel conta sua história para Avthandil. Ele é o filho de um dos sete reis das Índias e se apaixonou por Nestan’Daredjane, a filha do grande rei das Índias, que o incita a matar, por amor a ela, o príncipe de Khorezm, com quem o Conselho Real havia decidido de casá-la. O rei se encolerizou e, com sua ordem, dois mágicos escravos negros pegaram a jovem a fim de lançá-la ao mar. Doravante, Tariel então foge e vai para a floresta onde, vestido de uma pele de tigre que lhe lembra a sua bem-amada, vive entre as bestas e torna-se amigo de um leão.

Avthandil retorna à Arábia e anuncia a sua bem-amada que o seu voto o obriga a voltar ao encontro de Tariel, a fim de ajudá-lo na busca por Nestane. Um terceiro homem junta-se a eles, Nouradinn Prindon. Após algumas peripécias, os três heróis triunfam da magia dos seus adversários. Tariel, o homem da pele de tigre, libera Nestan’Daredjane e casa com ela

---

<sup>7</sup> MAHÉ, Jean Pierre. **O cavaleiro da pele de pantera: a epopeia persa do georgiano Chota Roustavéli.** <http://www.clio.fr/BIBLIOTHEQUE/le-chevalier-a-la-peau-de-panthere-l-epopee-persane-du-georgien-chota-roustaveli.asp>, consultado em 5 de janeiro de 2015. Permitimo-nos manter a grafia então habitual para Tamar, Thinathine e Avthandil.

solenemente; ambos retornam à Índia ao passo que Avthandil se casa com Thinathine. Dessa forma conclui-se a história deles “como o sonho de uma noite” (Estrofe 1667,1).

Conforme escreve um dos tradutores alemães da obra<sup>8</sup>, ela começa e termina no mundo da corte, ao passo que a parte intermediária dá relevo às práticas comerciais.

## 2. Uma epopeia?

Como no Ocidente, a sociedade retratada é uma sociedade feudal. Encontramos referências à moda da sociedade ocidental, como a dependência pessoal a uma hierarquia de servos e senhores, vassallos e soberanos. Como escreve Serge Tsouladzé<sup>9</sup>, há na obra o reflexo da “luta da monarquia contra um feudalismo já fortemente abalado”, tema recorrente também na epopeia ocidental. Descobrimos também a bipartição da sociedade entre laicos e clérigos. Encontramos ainda o código de honra que regulamenta as relações entre as diferentes categorias sociais. Há na obra, como na epopeia ocidental, torneios, partidas de caça, concursos de tiro ao arco. A generosidade é um dever dos soberanos (estrofe 52 “Ela [a rainha] doa sem fim, sua generosidade não apresenta limites”). Uma vez passadas as provas, os heróis prevalecem “com soberanias esplêndidas” e propagam seus benefícios, “tal como a neve é igual para todos” (estrofe 1666). Os emissários recebem donativos (est. 511), como na *Chanson des Nibelungen*, por exemplo. As festas, como a das núpcias de Tariel e de Nestan’Daredjane ou de Siegfried et Kriemhild, se prolongam durante oito dias (est. 1470).

Encontram-se pontos em comum com a canção de gesta: por exemplo, recorre-se à astúcia para apoderar-se de uma fortaleza (est. 1390); os heróis são “chefes de guerra hábeis ao combate” (est. 311); os reis “comandam seu exército e seu país” (est. 319); Tariel parte para a “grande guerra” (p. 83) e “com o exército em ordem de batalha, eu me lanço velozmente, /Neste dia minha espada afiada deixa em pedaços os meus adversários” (est. 441). Quando os homens de guerra do exército de Tariel aparecem gritando em coro e fazendo ressoar os tambores, o exército inimigo foge; o exército de Tariel avança, captura os inimigos, mas lhes deixa a salvo (est. 450-451). Seus homens o felicitam pela sua bravura. Ele envia os seus guerreiros para recolherem

---

<sup>8</sup> RUSTAWELI, Schota. **Der Recke im Tigerfell**. Altgeorgisches Poem. Deutsche Nachdichter: Nachdichtung v. Hugo Huppert, Berlin: Rütten & Loening, 1955, p. 11-12.

<sup>9</sup> RUSTAWELI, Schota. **Le Chevalier à la Peau de Tigre**, trad. Cit., p.16.

os despojos de guerra e, depois, sem ferir, toma as portas da cidade (est. 455), de sorte que conquista “os bens e a glória” (est. 464). À maneira do herói medieval francês ou alemão, o herói georgiano considera a glória como o maior tesouro entre os bens da terra (est. 799). Como na *Plainte*, sucessão ou comentário da *Chanson des Nibelungen* ou como na epopeia do Kajor, Lat-Dior Latyr Diop, que, vencido em 26 de outubro de 1886 por uma colônia cavaleiros magrebinos no decurso daquela que foi sua última batalha, “foi colocado na posição de primeiro herói do Senegal independente. Porque, por esta morte aceita e mesmo desejada, o último Damel deixou um legado para a posteridade: ‘quando tudo está perdido, mantém-se a honra’, o essencial é preservado”<sup>10</sup>. Na *Chanson des Nibelungen* seguida da *Plainte*, como nas epopeias africanas, “a derrota [...] é [...] transformada numa vitória, ou ao menos em um motivo de orgulho, já que sempre se dá uma saudação ao bem mais precioso do grupo: a honra, a estima por si, que constitui uma espécie de semente para uma renovação não expressa, mas sempre implicitamente esperada”<sup>11</sup>.

Encontramos entre Avthandil, Nouradin Pridon e Tariel a mesma amizade viril existente entre Ami e Amile ou Roland e Olivier. O mais curioso no nosso texto é que os três amigos pertencem a três povos diferentes, fato que não os impede de juntarem suas forças a fim de fazer cessar uma injustiça e um ato de violência. Essa afinidade e essa ajuda recíproca vão até o sacrifício. A obra se torna um hino à amizade, a “amizade fraterna” (est. 1006). “Quem não procura a amizade é um inimigo de si mesmo”, diz um dos três heróis (est. 856).

Do ponto de vista formal, um largo espaço é dado ao exagero épico: a dor faz com que as lágrimas do narrador ou do herói principal se misturem com sangue, como Kriemhild chora lágrimas de sangue: “as lágrimas (do herói) misturadas com sangue brilham pelos cílios” (est. 267). O coração de Tariel está “todo inundado de sangue” (est. 350)

Pode-se pensar que, como havia dados socioculturais análogos e a mesma sociedade feudal na Geórgia cristã e na Europa ocidental naquela época, havia, como para o que constitui a epopeia africana e a epopeia europeia, um mesmo pano de fundo de motivos narrativos. Trata-se de semelhanças e analogias ligadas ao modo de vida, às condições e necessidades culturais

---

<sup>10</sup> LY, Amadou. La victoire des vaincus (L'épopée d'Afrique comme discours compensatoire d'une communauté vaincue. In: *Littéraires* 29, 2002, *Épopées d'Afrique de l'Ouest, épopées médiévales d'Europe*, p. 247.

<sup>11</sup> LY, Amadou. La victoire des vaincus, art. Cit., p. 252.

análogas. Essas semelhanças devem-se, a despeito de todas as divergências, ao sistema sociopolítico análogo na Geórgia, na África e na Europa medieval. Um sistema sociopolítico análogo de motivos narrativos igualmente análogos; semelhanças ligadas ao funcionamento de uma obra literária, ou seja, analogias de ordem estrutural, um caminho obrigatório para a construção de uma obra; até mesmo semelhanças poligenéticas, tendo-se em conta o fato de que o espírito humano é o mesmo em todos os lugares e que as necessidades do homem são idênticas não importa onde eles se encontrem.

### **3. Um romance, uma “narrativa do amor cortês” (Jean-Pierre Mahé)?**

Todas essas características são geralmente consideradas como típicas da epopeia e defenderiam o pertencimento de *O Cavaleiro da pele de tigre* ao gênero épico, porém, outros elementos embaralham o cenário e o aproximam, ao contrário, do romance ou da narrativa de amor cortês. Epopeia ou romance? As epopeias alemãs – a epopeia dita “*des jongleurs*” (*Spielmannsepik*) ou a *Chanson des Nibelungen* –, se constituem como um ponto de comparação interessante, pelo fato de elas nos mostrarem epopeias que apresentam essa mesma mistura de características.

Com efeito, é sobretudo do amor e do amor-paixão que fala o poeta (est. 18). Jean-Pierre Mahé, por isso, fala também de “história de amor cortês e de amizade cavalheiresca”. Como em *Tristan* de Gottfried de Strasbourg, “o amante verdadeiro é aquele que pode suportar o sofrimento” (str. 24). Citemos ainda a estrofe 879: “Quem então não foi tomado pelo amor, suportando sofrimentos, / E quem não conheceu a tristeza ou não perdeu o sentido?” O sofrimento de amor e a melancolia crescentes transformando-se em loucura caracterizam o personagem principal, Tariel. Nesse ponto pensamos irresistivelmente na loucura de Yvain/Iwein no romance *Le Chevalier au lion* de Chrétien de Troyes/Hartmann von Aue, em Lancelot (“Folie Lancelot”), nos “Folies Tristan”. Como na *Floire et Blanchefleur*, “desde que nos conhecemos, somos devotados um ao outro” (str. 413).

Descobrem-se também alguns *topoi* da poesia de amor dos trovadores. As mulheres Nestane e Thinathine não pertencem ao mundo oriental do harém ou do gineceu; elas são, como no sul da França, iguais aos homens: são elas que inspiram e guiam as linhas de conduta dos

heróis masculinos. As mulheres são as verdadeiras soberanas da consciência do herói: não é Tariel que se insurge contra a autoridade do pai, mas Nestane. Não esqueçamos que Tamar ainda era rainha da Geórgia e que ela reinava sozinha. O amor dos heróis masculinos é regulado na sociedade feudal por modelo de dependência pessoal. O primeiro dever do amante é, como para os trovadores, de “experimentar seu mal de amor” (str. 25); citemos ainda:

Se eu estou tomado por um louco amor, devo errar sozinho pelos campos.  
O amante deve estar sozinho e derramar lágrimas de sangue  
Ser errante é a sina do amante... (est. 784).

Thinadine desvenda à Avthandil, por quem ela é amada, o amor que ela sente por ele e, em razão do seu amor, ela lhe pede para percorrer o mundo durante três anos em busca do misterioso cavaleiro: o herói executa o pedido a fim de agradar e servir a sua amiga: “Tu partiste a minha procura para servir à tua dama” (str. 300).

A literatura alemã, porém, nos mostra a mesma mistura em diversos textos aos quais chamamos de epopeias: a *Chanson des Nibelungen* e as epopeias ditas “*des jongleurs*”.

Certos traços de *O Cavaleiro da pele de tigre* relembram a epopeia dita “*des jongleurs*” (*Spielmannsepik*) ou “poema épico narrativo”. De fato, um dos temas principais dos textos georgianos como a *Spielmannsepik* é o rapto, o sequestro da heroína e depois sua libertação; o que não há nas epopeias ocidentais, ao contrário da obra georgiana, é a intervenção da magia. Como Hilde em *Kudrun*, epopeia alemã de meados do século XIII, ou ainda Kudrun ela mesma, Nestan’Daredjane se faz raptar. Como Horand, Frute e Wate na epopeia alemã se fazem passar por comerciantes, Avthandil acompanha uma caravana de comerciantes.

No que concerne à poesia dos trovadores, constata-se do mesmo na *Chanson des Nibelungen*: Siegfried ajuda Gunther a conquistar Brunhild para obter a mão de Kriemhild. O cavaleiro deve se dedicar ao serviço da dama, evitando irritá-la (est. 253). O fogo do amor queima o amante com uma chama viva (est. 260). O desejo mata-o (est. 733). Longe do seu bem-amado, a dama não pode “viver, nem [se] assentar, nem [se] repousar” (est. 768).

Sem dúvida, não houve influência direta; mas esses poetas eram contemporâneos e seus interesses intelectuais eram idênticos. Com efeito, são fatos míticos universais. Como escreveu Jean-Pierre Mahé,



qualquer que seja a realidade das trocas entre a Geórgia e os Estados latinos do Oriente desde o reino de David o Construtor (1084-1125), Chota Roustavéli não encontrou, entretanto, sua fonte na literatura cortês do Ocidente, mas sim no interesse dos seus compatriotas pela poesia persa clássica. No prólogo do *Cavaleiro*, o poeta qualifica de “Midjnour” o amante apaixonado; ele revela assim seu modelo literário mais determinante. Trata-se de *Leïla e Medjnoun*, a obra do seu contemporâneo Nizami de Gandja (1140-1202), no leste da Transcaucásia, região então submissa à rainha Thamar. Kais e Leïla se amam desde a infância. Quando Leïla se casa à força com um rico comerciante, Kais perde a razão. Subtraído do mundo, vivendo entre as bestas e tornando-se como uma delas, ele é apelidado Medjnoun, que quer dizer “o louco”<sup>12</sup>.

Jean-Pierre Mahé destaca ainda que essa obra tem, certamente,

suas origens nos poetas persas a quem os compatriotas do autor já conheciam. Contudo, mais que uma simples adaptação do modelo persa, a obra de Roustavéli permitirá ouvir dos lábios dos seus cavaleiros os ecos de *Banquete* de Platão e dá a seus heróis características das divindades caucasianas. Este ímpeto místico que dá vida ao texto classifica esta epopeia entre as obras-primas da poesia mundial<sup>13</sup>.

### Considerações finais

Certamente descobrimos, nesta leitura, aspectos suficientes que apontam para a epopeia, porém ainda há muito mais. Na verdade, a obra se trata de uma mistura entre epopeia, busca, romance de amor, poesia de amor, mas também filosofia. Concluimos com estas citações de Jean-Pierre Mahé<sup>14</sup>:

Celebrando o amor cortês dos seus bravos heróis por suas damas, Chota declara desde o início suas intenções metafísicas: ‘Eu falo do amor paixão, que envolve uma posição suprema :/ aquele que se encarrega de atingi-lo pode sofrer grandes tristezas’”. O poeta recolhera, em Denys, o Areopagita, o eco da dialética do *Banquete* de Platão: do amor dos belos corpos, nos elevamos à contemplação das belas ideias, e depois ao bem. “O sábio Dionos”, escreve ele, “desvenda o que está escondido: / Deus só gera o bem, jamais ele fez nascer o mal! / Reduzindo o mal a um instante, ao bem ele concede durabilidade. / Removendo a falta do bem supremo, ele lhe rende a fonte perfeita”.

E continua Mahé:

Para além da diversão, a narrativa objetiva levantar o véu das aparências passageiras, para decifrar por transparência as realidades eternas. Alternando dois casais apaixonados, noturno e diurno, Chota descreve as duas faces do amor – paixão devoradora e fatal, que afasta da sociedade dos homens Tariel, o cavaleiro da pele de pantera, e o aproxima da animalidade; ou ao contrário, força sublime que incita o herói Avthandil a se superar sem descanso. O contraste

---

<sup>12</sup> Le chevalier à la peau de panthère , art. cit.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> “ Voile et dévoilement ”, discours de M. Jean-Pierre Mahé, Séance cinq académies, 2012, <http://seance-cinq-academies-2012.institut-de-france.fr/voile-et-devoilement>, consulté le 15 mars 2015.

dos comportamentos humanos ganha então uma dimensão cósmica: ele manifesta o princípio guardado da coerência do mundo, no qual o cruzamento de elementos opostos – claros ou tenebrosos, quentes ou frios, secos ou úmidos, pesados ou leves – permitem coexistir os contrários<sup>15</sup>.

### Referências bibliográficas

DELSHAD, Farshid. *Georgica et Irano-semitica. Philologische Studien zu den iranischen und semitischen Elementen im georgischen Nationalepos Der Recke im Pantherfell. Beiträge zur Vergleichend-Historischen Sprachwissenschaft*, Baden-Baden: Deutscher Wissenschafts-Verlag, 2009.

LY, Amadou. “ La victoire des vaincus : L'épopée d'Afrique comme discours compensatoire d'une communauté vaincue ”, *Littérales* 29, 2002, **Épopées d'Afrique de l'Ouest, épopées médiévales d'Europe**, p. 247.

MAHE, Jean-Pierre. “ Le chevalier à la peau de panthère : l'épopée persane du Géorgien Chota Roustavéli ”, *Clio* [En ligne], 2002, URL : [http://www.clio.fr/bibliotheque/le\\_chevalier\\_a\\_la\\_peau\\_de\\_panthere\\_l\\_epopee\\_persane\\_du\\_georgien\\_chota\\_roustaveli.asp](http://www.clio.fr/bibliotheque/le_chevalier_a_la_peau_de_panthere_l_epopee_persane_du_georgien_chota_roustaveli.asp).

MAHE, Jean-Pierre. “ Voile et dévoilement ”, Séance publique annuelle des cinq Académies, 2012, URL : <http://seance-cinq-academies-2012.institut-de-france.fr/voile-et-devoilement>.

ROUSTAVELI, Chota. **Le Chevalier à la Peau de Tigre**. Trad., intro. et notes de Serge Tsouladzé . Paris: Gallimard-UNESCO, 1964.

RUSTAWELI, Schota. **Der Ritter im Tigerfell. Ein altgeorgisches Epos**. Trad. Marie Prittwitz. Aachen: Shaker-Verlag, 2011.

RUSTAWELI, Schota. **Der Recke im Tigerfell**. Trad. Hugo Huppert. Berlin: Rütten & Loening, 1955.

---

<sup>15</sup> Ibid.